

O papel dos contextos na análise de micromudanças que compõem a rota de construcionalização gramatical de “foi quando”

Alexandra Ferreira da Silva¹

Universidade Federal Fluminense

Resumo: O trabalho que propomos investiga usos de “foi quando” em uma perspectiva pancrônica. Através da análise de amostras que remontam ao século XIII, observamos um processo de mudança que conduziu ao uso de “foi quando” como conector em sincronias mais recentes. O resultado desse processo é analisado na perspectiva de Construcionalização Gramatical, conforme Traugott e Trousdale (2013). Adotamos como referencial teórico os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Trata-se de uma abordagem resultante da união do Funcionalismo Linguístico norte-americano – na linha de Givón, Hopper, Bybee, Traugott, entre outros – com contribuições da Linguística Cognitiva, principalmente no que se refere à Gramática de Construções – na linha de Goldberg, Croft, entre outros. Com base no reconhecimento da importância de se abordar os fenômenos linguísticos em seu contexto efetivo de uso, procedemos a uma pesquisa na qual são analisadas, na sincronia atual, notícias publicadas nos sites www.g1.globo.com e www.odia.ig.com.br. Analisamos, também, dados diacrônicos através do *Corpus* do Português, em www.corpusdoportugues.org. Partimos da hipótese de que a expressão “foi quando”, em viés sincrônico, apresenta graus distintos de gramaticalidade em que o uso mais gramatical dessa expressão se configura como uma microconstrução, nos termos de Traugott (2008). Hipotetizamos, ainda, que os graus de gramaticalidade de “foi quando” sejam decorrentes de um processo de mudança diacrônica. Esse processo é observado a partir do estudo dos Contextos que conduzem a mudança, conforme Heine (2002).

Palavras-chave: Construcionalização. Gramática de Construções. Conector.

Introdução

Exploramos, neste artigo, o processo de mudança de “foi quando” observado a partir do estudo dos contextos, conforme Heine (2002). Entendemos que a interpretação induzida pelo contexto nos permite analisar a mudança em pequenos passos, os reajustamentos morfossintáticos e semânticos que levam à emergência potencial de “foi quando” como uma microconstrução que atua como conector, um mecanismo de coesão no texto. Neste sentido, verificamos que os usos de “foi quando” se apresentam, basicamente, em três tipos de contextos, de acordo com Heine (2002):

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem. Possui Mestrado em Letras, área de concentração Língua Portuguesa. E-mail: alexandraferreira@yahoo.com.br.

I – contexto inicial, representado pelo padrão I: [foi_{verb. ligação}] e [quando_{adv. integrante}]. Ex.: “Um dos pontos altos da apresentação foi quando cantou em árabe”.

II – contexto ponte, representado pelo padrão II: [foi_{verb. copulativo}] e [quando_{adv. relativo}]. Ex.: “A doutora Mery Gonzaga De Oliveira se lembra bem daquele *Dia das Mães do ano de 2005*. Foi quando chegou a notícia de que a filha estava com uma doença grave”.

III – contexto de mudança, representado pelo padrão III: [foiquando_{conector}]. Ex.: “Um tiro foi disparado e o pai caiu no chão. O jovem pensou que o homem havia sido baleado, e reagiu. Foi quando ele foi atingido por um tiro”.

O estudo de “foi quando” nesses contextos nos permite observar neoanálises de forma morfossintática e significado semântico/ pragmático que levam à criação da microconstrução [foi quando_{conector}], um pareamento forma_{nova} – significado_{novo}. A consequência de uma série de reajustes que ocorre nesses contextos é a construcionalização gramatical de “foi quando” como um conector, uma microconstrução que apresenta significado abstrato e procedural, no sentido de que é utilizada para estabelecer relações linguísticas entre porções textuais como um mecanismo de coesão.

Para fins de organização deste artigo, fazemos, na primeira seção, a apresentação dos pressupostos teóricos. A segunda seção é destinada à análise dos dados de acordo com cada um dos contextos propostos por Heine (2002). Essa seção é dividida em três subseções nas quais tratamos cada um dos contextos, individualmente. Posteriormente, fazemos as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

1. Pressupostos teóricos

Trabalhamos com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU. Nossa pesquisa vai ao encontro da LFCU, uma vez que analisamos dados de língua em uso, com foco no processo de mudança de “foi quando”. Além disso, a análise dos três padrões em que se apresenta a referida expressão conduziu-nos a um olhar mais amplo, por meio do modelo da Gramática de Construções.

O estudo das construções levou-nos a ampliar o olhar tanto para além do item como para o contexto no qual a construção se insere. Na LFCU, o estudo das inferências locais derivadas do contexto em que as expressões se inserem tem se mostrado bastante importante

na análise histórica de micromudanças. O resultado dessas mudanças é observado, no que tange ao estudo de “foi quando”, sob o viés da construcionalização gramatical.

Desse modo, nosso foco nesta seção está na apresentação, de maneira sucinta, de algumas considerações sobre a proposta de contextos iniciais para o estudo de micromudanças ou contextos para a gramaticalização de Heine (2002). Observamos tal proposta estabelecendo correlações com o estudo de construcionalização gramatical, de acordo com Traugott e Trousdale (2013).

A valorização crescente do papel do contexto se dá, sobretudo, na explicação da gradualidade na fixação das categorias. Heine (2002) argumenta que o processo de gramaticalização envolve quatro estágios contextuais, que correspondem a um *continuum* de mudança:

- I) **Estágio inicial:** Neste estágio o contexto é natural, não restrito. São expressões com significado fonte ou “normal” ocorrendo em uma variedade de contextos diferentes.
- II) **Contexto ponte:** Também chamado de contexto de transição. Neste estágio, um contexto específico dá origem a uma inferência, no sentido de que, em vez de o significado fonte, há um outro significado – o significado alvo – que oferece uma interpretação mais plausível do enunciado em questão. Sobrepõem-se significado fonte e significado alvo, sendo que este está em primeiro plano em relação àquele. Nesse contexto, há ambiguidade pragmática e semântica.
- III) **Contexto de mudança:** Neste estágio, há um novo tipo de contexto que não permite mais de uma interpretação em termos de significado fonte. O significado alvo é o único possível, tendo em vista que o novo contexto é incompatível com o significado fonte. Trata-se do estágio em que ocorre, de fato, a mudança: a gramaticalização.
- IV) **Convencionalização:** Neste estágio, o significado alvo está aberto a uma maior manipulação, já que é livre de restrições contextuais que deram origem a ele. Pode ser usado em novos contextos.

Heine (2002) defende que o desenvolvimento de itens/construções gramaticais perpassa essas quatro diferentes etapas, que seguem um roteiro de estágios sucessivos, associados a diferentes tipos de contexto.

No estágio I, o item fonte aparece no(s) contexto(s) em que tipicamente é usado e é nessa fase que, de acordo com Traugott (2012), proliferam implicaturas conversacionais.

Algumas dessas começam a se generalizar e a convidar a atenção para a implicatura. É nesse momento que passamos ao estágio II, já que um dos contextos em que o item é usado permite uma inferência, que sugere um significado novo, em acréscimo ao significado fonte. Conforme Heine (2002), o contexto ponte é caracterizado pela ambiguidade semântica induzida pragmaticamente pelo contexto. Nessa fase, “*embora o significado alvo seja o mais provável de ser inferido, ainda é cancelável*”² (HEINE, 2002, p. 84). Esse estágio pode ser entendido como o verdadeiro gatilho da mudança, já que pode dar origem ao significado gramatical convencional. Seguindo, no estágio III, a ambiguidade se desfaz e a leitura em termos do significado fonte fica bastante esmaecida. O significado alvo se torna mais disponível, mas ainda é pautado em alguns aspectos contextuais. Por fim, no estágio IV, o item é libertado de restrições contextuais. Tem-se a convencionalização propriamente dita.

Vale ressaltarmos, ainda, que Heine (2002) defende que todo esse roteiro de estágios sucessivos nos processos de gramaticalização é acessível na forma de variação contextual sincrônica. Reforçando a interdependência entre sincronia e diacronia, ele argumenta que, se a evolução das categorias gramaticais é, em grande parte, regida pelo contexto, a análise da variação contextual representa uma ferramenta poderosa para a reconstrução dos diferentes estágios de evolução.

Consideramos que a proposta de Heine (2002) amplia o foco de investigação da mudança linguística, permitindo um estudo mais detalhado dos contextos iniciais na análise de micromudanças que compõem a rota de construcionalização gramatical de “foi quando”. Assim, o trabalho de Heine (2002) constitui a base principal para a análise que fazemos da microconstrução “foi quando” e seus contextos de mudança.

2. Análise dos dados

Analisamos 406 amostras de uso de “foi quando”, coletadas de três fontes de dados: *Corpus* do Português, *Portal Globo de Notícias* e jornal *O Dia on-line*, que nos permitiram uma visão panorâmica do fenômeno estudado. Contamos com 164 ocorrências, distribuídas ao longo dos séculos XIII a XIX, coletadas no *Corpus* do Português, e 242 ocorrências coletadas de notícias publicadas pelo Portal Globo e pelo Jornal *O Dia on-line* na sincronia atual.

² Tradução nossa. Texto original: While the target meaning is the one most likely to be inferred, it is still cancellable.

Constatamos, através da análise desses dados, que os usos de “foi quando” se apresentam, basicamente, em três padrões, os quais são representados da seguinte forma, conforme já destacamos na introdução: I – [foi_{verb. ligação (+)}] e [quando_{adv. integrante}]; II – [foi_{verb. copulativo} [quando_{adv. relativo}]] e III – [foiquando_{conector}].

Analisamos as amostras correspondentes a cada um desses padrões de acordo com três tipos de contexto que mostram o processo histórico de micromudanças de “foi quando”: contexto inicial³, contexto ponte e contexto de mudança, conforme proposta de Heine (2002), em perspectiva de construcionalização gramatical, de acordo com Traugott e Trousdale (2013). Desta forma, dividimos esta seção em três subseções nas quais tratamos de cada um dos três contextos de mudança individualmente.

2.1. Contexto Inicial

Nos *corpora* pesquisados, foram encontradas 131 amostras (32%) da atuação de “foi quando” no padrão I – [foi_{verb. ligação (+)}] e [quando_{adv. integrante}] ao longo dos séculos.

Consideramos que as amostras referentes ao padrão I constituem o contexto inicial, proposto por Heine (2002), já que tais amostras se apresentam em um contexto natural ou tipicamente utilizado. Prova disso é que, de acordo com nossa pesquisa diacrônica, o uso de “foi quando” no padrão I remonta ao século XIII, representando o modelo de uso mais antigo no *corpus*. Foram encontradas amostras deste padrão ao longo de todos os séculos estudados.

Através da apresentação e análise de várias amostras que compõem o padrão I, fazemos, nesta subseção, um panorama do contexto inicial da rota de construcionalização gramatical. Para isso, observamos a maneira como os dados se apresentam ao longo das sincronias, fazendo apontamentos que caracterizam esse contexto inicial. Começando pelo período arcaico (séculos XIII, XIV e XV), encontramos, no século XIII, amostras de uso de “foi quando” em Cantigas de Escárnio e Maldizer e Cantigas de Santa Maria. Segue uma amostra:

(1) Aver non poderia lagrimas que chorasse quantas chorar querria, se m'ante non nenbrasse como Santa Maria viu con que lle pesasse do Fillo que avia ante que a levasse. Un daquestes pesares **foi quando** a Egito fugiu polos millares, segund' achei escrito, dos minios a pares, que Erodes maldito fez matar a logares por seu rein' aver quito. O segundo **foi quando** seu Fill' ouve perdido tres dias, e cuidando que judeus ascondudo llo tlian, e osmando que morto ou traudo

³ Heine (2002) chama esse contexto de estágio inicial. Nós optamos por chamar esse estágio, conforme Heine (2002), de contexto inicial para enfatizar nossa proposta de análise nesta pesquisa que se baseia nos contextos de uso de “foi quando”.

foss', e por el chorando, ant' ela foi viudo (*Corpus do Português: Cantiga de Santa Maria 3, século XIII*).

Na amostra (1), temos duas ocorrências de “foi quando” no padrão I. A Cantiga trata dos pesares por quais passou Santa Maria e a identificação dos dois primeiros pesares é feita através do uso de “foi quando”. Em ambos os casos, temos, na primeira oração, sujeitos com semântica temporal – já que os pesares significam momentos de sofrimento ou dor – e o verbo *ser*, de ligação. Esse verbo liga os sujeitos às orações predicativas [- prototípicas] com valor temporal, iniciadas pelo advérbio “quando” com função integrante. Há entre as duas orações de cada ocorrência uma relação de identidade, já que o pesar é identificado na oração iniciada por “quando”. Ressaltamos que as orações iniciadas por “quando” são as porções textuais que recebem maior destaque por trazerem uma informação ainda não apresentada no texto.

Encontramos, no período arcaico, amostras que apresentam uma estrutura um pouco diferente da amostra anterior. Essa estrutura apareceu nos três séculos do período arcaico – XIII, XIV e XV. São casos em que o sujeito é preenchido pelo pronome “esto” – isto/isso:

(2) Esta cantiga fez Dom Gonçalo Anes do Vinhal ao infante Dom Anrique porque diziam que era entendedor da rainha Dona Joana, sa madrastra, e esto **foi quando** el rei Dom Afons' o pôs fora da terra (*Corpus do Português: Cantigas de Escárnio e Maldizer, século XIII*).

Na amostra acima, o sujeito é representado pelo pronome “esto”, que é esvaziado semanticamente, usado de maneira anafórica, ou seja, retomando eventos apresentados na porção textual anterior. O pronome “esto” retoma o fato de Dom Gonçalo do Vinhal ter escrito a referida cantiga porque, conforme diziam, ele era entendedor da rainha Dona Joana. Tudo isso [esto] “**foi quando** el rei Dom Afons' o pôs fora da terra”. Encontramos nove amostras desse tipo somente no período arcaico⁴.

Interpretamos todas as amostras similares a (2) como uma demonstração de que, naquele período, havia a necessidade de se preencher a posição de sujeito, antes do verbo *ser*, mesmo com um pronome anafórico, mantendo uma estrutura típica do contexto inicial, natural. O preenchimento da posição de sujeito conduz a uma leitura composicional dos elementos “foi” e “quando” acusando a falta de integração entre eles, que cumprem, cada um, a sua função, preservadas as fronteiras entre os constituintes.

No período moderno, do século XVI até XIX, também encontramos amostras nas quais os itens “foi” e “quando” se apresentam em uma leitura composicional, ocorrendo cada item em uma oração, delimitadas as fronteiras entre os constituintes. Na amostra abaixo, a relação

⁴ Não foram encontradas amostras desse tipo nos períodos moderno e contemporâneo.

de identidade entre sujeito e predicativa [- prototípica], mediada pelo verbo *ser* – de ligação, acontece na medida em que a oração predicativa ilustra um evento, sinalizado no SN com semântica temporal que compõe o sujeito. Observemos:

(3) Mas ultimamente foy prezo Mago Irmaõ de Anibal, e este destroçado¹, e a P. Cornélio Scipiaõ, a cujo valor, e sagacidade deveo Roma a felicidade da ultima victória, se deo o Nome de Africano. A ultima guerra, com que os Romanos deraõ fim a Carthago, **foy quando** esta desconcordou com Massinissa confederado com Roma (*Corpus do Português: Promptuario historico I, Frei Manoel da Mealhada, século XVIII*).

Na amostra (3), o sujeito é preenchido por um SN que representa, semanticamente, eventos sinalizadores de um tempo. Na referida amostra, o sujeito da oração com verbo *ser* “*a ultima guerra*” diz respeito a um momento, que é identificado na oração predicativa [- prototípica], iniciada pelo “quando”. Essa guerra é identificada na oração predicativa por intermédio do verbo *ser*, de ligação. O sujeito é ilustrado na oração predicativa, numa relação de identidade.

No século XIX, encontramos algumas amostras nas quais a relação de identidade se dá entre um sujeito, cujo núcleo é um SN com semântica temporal bastante específica, e uma oração predicativa [- prototípica] que ilustra o SN temporal referido no sujeito. Trata-se de amostras bastante semelhantes à maioria dos dados encontrados no português contemporâneo, em especial às amostras encontradas nas notícias do século XXI. Vejamos:

(4) Compreendi Nun' Álvares, contemplando as abóbadas dos Jerônimos e voei aos meus primeiros sonhos de escritor defronte do túmulo de Herculano, cuja alma esvoaça ainda por entre os capitéis da divina mesquita, como a branca andorinha ou o gavião branco de que fala Garrett. Por Castela e Santiago! por Portugal e São Jorge, meu Florindo, que um dos melhores momentos da minha vida **foi quando** pisei as terras de Afonso Henriques! E que rapazes! (*Corpus do Português: O Touro Negro, Aluísio Azevedo, século XIX*).

Na amostra (4), o núcleo do sujeito é a palavra “*momento*”. Trata-se de uma sinalização temporal mais específica do que aquelas em que temos núcleos que representam eventos situados no tempo, como “*guerra*”, conforme vimos anteriormente. Em (4), o sujeito é preenchido por SN com semântica temporal cujo núcleo figura com complemento à direita, sendo caracterizado por ele: “*um dos melhores momentos*”. Os eventos factuais que ilustram esse tempo/ momento aparecem na oração predicativa, iniciada por “quando”, porção textual que apresenta maior relevo informacional.

No que se refere às amostras do século XXI, sincronia atual, observamos que a atuação de “foi quando” no padrão I também ocorre em notícias publicadas pelo *Portal Globo* e pelo jornal *O Dia on-line*. Atestamos, portanto, a persistência do contexto inicial na sincronia

atual. Vejamos algumas amostras da utilização de “foi quando” no padrão I, em notícias coletadas de ambas as fontes:

(5) O pescador disse que a hora mais difícil **foi quando** viu o navio que os resgatou. “Chamei o pessoal correndo. Muitos não conseguiam nem andar. Fiquei fazendo sinal até o cara ver a gente. Percebi que ele viu e veio na nossa direção. Falei: agora vai” (*Portal Globo*).

(6) Segundo ela, o menino, com 14 anos à época, foi internado em enfermaria de custódia, com três maiores baleados. Outro momento tenso **foi quando** a defesa do PM Edilberto Barros do Nascimento acusou a promotora Julia Costa da Silva de induzir respostas da mãe (*Jornal O Dia*).

Em ambas as amostras é possível visualizarmos a relação de identidade entre os sujeitos e orações predicativas. Os sujeitos são representados por SNs com semântica temporal, cujos núcleos indicam um recorte no tempo: “hora” e “momento”. As orações predicativas são representadas por eventos factuais que se apresentam no nível do *dictum*, como fatos concretos existentes no mundo, situados no tempo.

Para finalizarmos, destacamos os pontos mais importantes sobre o padrão I. Através da observação tanto da forma como do significado, resumimos no quadro abaixo as características que representam o contexto inicial:

Contexto inicial da rota de construcionalização gramatical de “foi quando”	
FORMA	
Propriedades morfossintáticas:	
▶ Estrutura oracional semelhante ao período composto por subordinação – Relação entre oração principal e oração subordinada substantiva predicativa [- prototípica].	
▶ Leitura composicional dos itens “foi” e “quando”. São estruturalmente mais frouxos atuando como elementos independentes: “Foi”: Verbo de Ligação; “Quando”: Advérbio com função integrante.	
Propriedade fonológica:	
▶ Não há formação de grupo de força.	
SIGNIFICADO	
Propriedades Semânticas:	
▶ Semântica temporal.	
▶ Relações no nível do <i>dictum</i> .	
▶ Ilustração ou identificação de um evento factual sinalizado na indicação temporal apresentada no sujeito.	
Propriedades Pragmáticas/Discursivas:	
▶ Focalização do evento que aparece na oração iniciada por “quando”.	
▶ <i>Frame</i> narrativo.	

Quadro 1: Características do contexto inicial

Entendemos o contexto inicial como um contexto habilitador das mudanças construcionais que ocorrem nos padrões II e III, tanto na forma como no significado, conforme detalhamos adiante. Trata-se de um contexto no qual verificamos alta composicionalidade entre os itens “foi” e “quando”, que se apresentam em um padrão mais básico e concreto, considerado, portanto, pouco esquemático.

2.2. Contexto ponte

Nos *corpora* pesquisados, foram encontradas 64 amostras (16%) da atuação de “foi quando” no padrão II – [foi_{verb. copulativo} [quando_{adv. relativo}]] ao longo dos séculos.

Consideramos que as amostras do padrão II sejam representativas do contexto ponte, um contexto de transição, conforme Heine (2002), uma vez que esse contexto permite inferências que sugerem um novo significado ou uma interpretação nova, em acréscimo à interpretação inicial ou ao significado fonte. Sobrepõem-se, neste caso, no mínimo, duas interpretações possíveis, sendo que uma está em primeiro plano, impulsionando a mudança. Nesse contexto, o uso de “foi quando” permite duas leituras. Uma delas está relacionada ao contexto inicial e a outra ao contexto de mudança, conforme detalhamos ao longo desta subseção.

Encontramos uma quantidade de amostras correspondente ao padrão II relativamente pequena. No entanto, é importante considerarmos que elas remontam ao século XIV, período arcaico, fato que demonstra que esse padrão de uso já existe há bastante tempo na língua, mesmo sendo encontrado em menor quantidade. O contexto ponte diz respeito a uma modulação contextual que revela certa ambiguidade estrutural, semântica e pragmática, flagrada de diferentes maneiras nas amostras coletadas ao longo das sincronias. Vejamos, inicialmente, uma amostra encontrada no período arcaico (século XIII até século XV):

(7) E, desque foy noite e a porta do papa foy çarrada, nõ acharõ o pobre. E entendeo entõ o papa que aquelle pobre era Jhesu Cristo. Como el rey dõ Fernãdo fez guerra a el rey de Sevyilha Andados #XXXII ãnos do reynado deste rei dõ Fernãdo – que **foi quando** andava a era de mil e oiteenta e sete e o ãno da encarnaçom ã myl e #LXIX e o emperio d'Anrrique em #XIII - estando el rei dom Fernando ã seu reyno rico e folgado, a rainha dona Sancha, por honrra del rey e dos que della viinhã, disselhe que mandasse em Leon fazer as suas sepulturas pera elles e pera aquelles que delles descendessẽ; (*Corpus do Português. Crônica Geral de Espanha, de 1344, século XIV*).

Na amostra (7), uma das mais antigas do *corpus* no padrão II, “foi quando” é usado, basicamente, para retomar a expressão de tempo que figura na porção textual anterior, especificando-a logo em seguida. “Foi quando” figura em um trecho que funciona como um tipo de informação adicional, uma explicação. Neste caso, “foi quando” ainda não introduz um evento, conforme ocorre nas amostras do padrão II na sincronia atual, mas focaliza uma noção de tempo pontual, introduzindo uma especificação desse tempo, cumprindo uma função conectiva – leitura que parece estar em primeiro plano. De acordo com esta leitura,

observamos menor composicionalidade entre os itens “foi” e “quando”, que, juntos, são responsáveis por um movimento de retomada e de progressão textual.

No entanto, é possível verificarmos, também, outra leitura para a atuação de “foi quando” na amostra (7), que corresponde a uma interpretação composicional dos itens. Neste caso, o item “foi” estabelece um elo entre as porções textuais, mas serve, principalmente, à focalização, atuando como verbo copulativo; e o item “quando” funciona como advérbio relativo, retomando a expressão de tempo que aparece na porção textual anterior. Na amostra (7) o elemento “foi” focaliza a noção de tempo “*XXXII ãnos do reynado deste rei dõ Fernãdo*”, assumida pelo advérbio relativo “quando” numa relação de equivalência semântica, estabelecendo uma ligação entre essa expressão de tempo e a especificação que figura em seguida “*andava a era de mil e oiteenta e sete e o ãno da encarnaçom ã myl e #LXIX e o emperio d'Anrrique em #XIII*”.

Na amostra (7), a leitura mais composicional entre os itens também se deve à utilização do elemento “que”, antes de “foi quando”. Esse elemento também retoma a expressão de tempo que figura na porção textual anterior, ocupando, como um adjunto adverbial, a posição de tema, própria de um sujeito. A ocupação da posição do sujeito implica certa falta de integração entre os itens “foi” e “quando”, reforçando uma leitura mais composicional. É importante ressaltarmos, ainda, que o elemento “que” introduz, em uma perspectiva mais ampla, um trecho explicativo, que figura entre “travessões”, de forma destacada no texto.

Diante da análise da amostra (7), que revela a possibilidade de duas leituras, já é possível observarmos algum tipo de *mismatch*, incompatibilidade, conforme Traugott e Trousdale (2013). Isso significa que há a tentativa, por parte dos falantes, de compatibilizarem os constructos, semelhantes à amostra (7), com um esquema construcional da conexão ou uma macroconstrução já existente. Como no período arcaico parece não haver, ainda, a existência desse esquema macro na rede construcional, ou seja, não flagramos neste período nenhuma amostra de uso de “foi quando” atuando como realização de uma microconstrução⁵, podemos supor que não haja, ainda, uma microconstrução que sancione completamente esses constructos, justificando-se, portanto, a incompatibilidade, ou seja, a existência de *mismatch*. Assim, podemos dizer que tal incompatibilidade leva à interpretação de duas leituras no caso das amostras que representam o padrão II, constituindo, assim, o contexto ponte.

⁵ As primeiras amostras de “foi quando”, como microconstrução, atuando como conector, foram encontradas no século XIX.

Ressaltamos que a possibilidade de duas leituras observada no contexto ponte revela um pequeno reajuste ou micropasso de mudança, por neoanálise, que, do ponto de vista sincrônico, pode aumentar a gradiência no sistema linguístico, e, do ponto de vista diacrônico, mostra a heterossemia entre construções anteriores e posteriores, revelando a gradualidade das mudanças, rumo à construcionalização gramatical de “foi quando”.

As neoanálises sintáticas e semânticas que ocorrem até a esta época podem ser traduzidas em algumas pequenas mudanças. “Foi quando” ainda articula porções textuais dentro de um mesmo período, porém aparece depois de uma expressão de tempo, tomando-a como escopo. Nesses casos, não há mais a presença de um SN, sujeito, diretamente ligado ao elemento “foi”, conforme observamos nas amostras do padrão I, contexto inicial. Com isso, o verbo *ser* deixa de cumprir sua função prototípica de ligar sujeito a predicativo, passando a servir a uma função mais pragmática, a focalização, sendo, por isso, considerado nesta pesquisa, um verbo copulativo, numa tentativa de diferenciarmos sua atuação nos padrões I e II. Ressaltamos, no entanto, que o verbo *ser* ainda estabelece ligação entre porções textuais. O elemento “quando” deixa de introduzir orações predicativas para retomar, especificamente, uma expressão de tempo em uma relação de transposição, atuando como advérbio relativo. Por outro lado, destacamos, ainda, que ambos os itens passam a cumprir, juntos, uma função conectiva.

No período moderno, século XIX, encontramos amostras de “foi quando” atuando sem a presença do elemento “que”, figurando após uma pausa, sinalizada pelo ponto e vírgula, fato que revela maior entrincheiramento dos itens “foi” e “quando”, deixando ainda mais em primeiro plano a leitura de “foi quando” em função conectiva. Entendemos que estamos diante de outro micropasso da mudança construcional. Vejamos:

(8) Morreu daí a quatro meses, acabrunhado, triste, com uma preocupação intensa e contínua, à semelhança de remorso, um desencanto mortal, que lhe substituiu os reumatismos e tosses. Teve ainda *meia hora de alegria*; **foi quando** um dos ministros o visitou. Vi-lhe, - - lembra-me bem, vi-lhe o grato sorriso de outro tempo, e nos olhos uma concentração de luz, que era, por assim dizer, o último lampejo da alma expirante (*Corpus do Português: Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis, século XIX*).

Na amostra (8), a função conectiva de “foi quando” é observada através de um claro movimento de retomada da expressão de tempo “*meia hora de alegria*” e de progressão textual. O fato de “foi quando” figurar imediatamente após o ponto e vírgula torna o contexto ponte ainda mais próximo do contexto de mudança. Trata-se de uma preparação ou reorganização do contexto através de sucessivas neoanálises que possibilitam a mudança.

Ressaltamos, no entanto, que a leitura composicional dos itens “foi” e “quando”, através da qual observamos a atuação de cada um dos itens com a sua forma e com a sua função, não é excluída na amostra (8). As duas leituras revelam a ambiguidade que propicia as sucessivas neoanálises.

As neoanálises também possibilitam o uso de “foi quando” na articulação textual interperíodo, salientando ainda mais sua função conectiva. Vejamos uma amostra desse tipo de articulação com “foi quando” no padrão II – contexto ponte:

(9) A leitura de todo o trecho leva, aliás, a outra mentira, esta sobre os tempos de TV de o PSDB e de o PT. Não é a primeira vez, e espero não ser a última, que Fernando Henrique e esta coluna se atritam por o mesmo motivo. A primeira fez *dez anos há pouco*. **Foi quando** noticiei que Fernando Henrique estava em contatos sigilosos com o governo Figueiredo, oferecendo um plano de conciliação entre o regime que se exauria e o que nasceria. (*Corpus do Português: Folha, Notícia, século XX*).

Na amostra (9), “foi quando” apresenta função conectiva, uma vez que é responsável por um processo de retomada anafórica e de progressão textual. Nesse caso, “foi quando” parece retomar não só a expressão sinalizadora do tempo, mas sim todo o período anterior. Esse processo de retomada de porções maiores do texto aproxima ainda mais o padrão II do padrão III, que mostramos adiante. O fato de “foi quando” figurar no início do período articulando porções maiores do texto é uma amostra do contexto ponte que o deixa mais próximo do contexto de mudança.

Por outro lado, não é possível, ainda, descartamos a leitura composicional. Na amostra (9), podemos até mesmo recuperar um sujeito para o verbo *ser*: a primeira [vez], conforme ocorre nas amostras do padrão I. Nessa leitura, o contexto ponte se aproxima mais do contexto inicial. Verificamos, desta forma, a hibridização presente no contexto ponte. Como é um contexto de transição, é possível verificarmos tanto propriedades que o aproximam do contexto anterior como propriedades que podem ser consideradas o gatilho da mudança, favorecendo ou impulsionando a construcionalização gramatical de “foi quando”.

Entendemos que as ambiguidades presentes nas amostras referentes ao padrão II se apresentam tanto no nível pragmático como no nível estrutural. Podemos dizer que as inferências pragmáticas que ocorrem no contexto ponte possibilitam a realização de duas leituras para o uso de “foi quando”, em que uma delas diz respeito à sua função conectiva no texto, uma mudança construcional no polo do significado. No nível estrutural, observamos neoanálise da forma, que apresenta certa diminuição em composicionalidade. A utilização de “foi quando” no início do período ou após um sinal de pontuação implica maior integração

entre os itens devido à alteração de fronteiras constituintes. Ressaltamos, ainda, que essa alteração nos permite observar, fonologicamente, certa formação de um grupo de força na leitura de “foi quando”.

No que se refere às amostras coletadas nas notícias, século XXI, também encontramos ocorrências do padrão II. Ressaltamos, neste sentido, que o contexto ponte não desaparece. Conforme ocorre no contexto inicial, o contexto ponte persiste na sincronia atual. Vejamos algumas amostras coletadas das duas fontes:

(10) A história de Carol e Nick é muito bonita, mas começa de um jeito triste. Ela é filha única de um casal de médicos. A doutora Mery Gonzaga De Oliveira se lembra bem daquele *Dia das Mães do ano de 2005*. **Foi quando** chegou a notícia de que a filha estava com uma doença grave (*Portal Globo*).

(11) O quadro de saúde de Pedro Dantas, há 72 horas na UTI, piorou *na madrugada desta segunda-feira*. **Foi quando** sofreu uma parada cardíaca, com duração de seis minutos, mas foi ressuscitado (*Jornal O Dia*).

Nas amostras (10) e (11), em uma leitura menos composicional, “foi quando” apresenta uma função conectiva, já que articula porções textuais por meio de um movimento de retomada anafórica e de progressão sequencial. Nesses casos, “foi quando” tem como escopo as expressões de tempo em itálico. Já em uma leitura mais composicional, observamos o verbo *ser* atuando, principalmente, na focalização não só de uma noção de tempo pontual como também na focalização do evento que figura no período iniciado por esse verbo; já o elemento “quando” atua na relação de transposição da expressão de tempo ao período seguinte, como advérbio relativo.

Para finalizarmos a subseção, destacamos os pontos mais importantes sobre o padrão II. A observação das sucessivas neoanálises nos permitiu elencar algumas características que representam o contexto ponte, conforme resumimos no quadro abaixo:

Contexto ponte da rota de construcionalização gramatical de “foi quando”	
FORMA	
Propriedades morfossintáticas:	
▶ Articulação de porções textuais geralmente dispostas em períodos distintos.	
▶ Sinal de pontuação, antes de “foi quando”, verificado pelo uso do ponto em relações interfrásticas; e pela vírgula ou ponto e vírgula em relação intrafrástica.	
▶ Leitura menos composicional dos itens “foi” e “quando”. São estruturalmente semi-integrados. Ambiguidade estrutural: em uma leitura, atuam como verbo copular e advérbio relativo, respectivamente, e em outra, atuam com função conectiva.	
Propriedade fonológica:	
▶ Há formação de grupo de força – pausa antes de “foi quando”.	
SIGNIFICADO	
Propriedades Semânticas:	

- ▶ Semântica temporal.
 - ▶ Relações no nível do *dictum*.
 - ▶ Marcação de eventos factuais em uma noção de tempo pontual.
- Propriedades Pragmáticas/Discursivas:**
- ▶ Focalização do evento que aparece no período iniciado por “foi quando”.
 - ▶ Processos de subjetivação (o escritor / falante seleciona o evento focalizado).
 - ▶ Conexão fórica entre porções textuais.
 - ▶ Escopo representado basicamente por uma expressão de tempo.
 - ▶ *Frame* narrativo.

Quadro 2: Características do contexto ponte

Entendemos o contexto ponte como o verdadeiro contexto habilitador da mudança. Esse contexto apresenta, em relação ao contexto inicial, várias mudanças construcionais, tanto no polo da forma como no polo do significado, conforme destacamos no quadro acima. Tais mudanças construcionais acontecem por meio de sucessivas neoanálises, que nos permitem observar no contexto ponte não só uma diminuição em composicionalidade como também um pequeno aumento em esquematicidade em função da maior abstratização do uso de “foi quando”. As mudanças construcionais observadas no contexto ponte contribuem para a posterior construcionalização gramatical de “foi quando”, conforme discutimos adiante.

2.3. Contexto de mudança: a microconstrução “foi quando”

Nos *corpora* pesquisados, encontramos 211 amostras (52%) de uso de “foi quando” no padrão III – [foiquando_{conector}], contexto de mudança.

Através de nossos dados, é possível atestarmos que o uso de “foi quando” como conector representa um novo contexto. Prova disso é que somente encontramos, em nossa pesquisa diacrônica, amostras do uso de “foi quando” como conector a partir do século XIX. Antes dessa época, apenas temos dados da atuação de “foi quando” no contexto inicial e no contexto ponte. Nossos dados mostram que se trata, portanto, de um uso recente na língua. Esse padrão é inserido em nossa pesquisa no contexto de mudança, conforme Heine (2002).

O contexto de mudança diz respeito à atuação de “foi quando” em um novo tipo de contexto no qual a ambiguidade ou incompatibilidade – *mismatch* – se desfaz e a leitura em termos de significado fonte fica esmaecida – não há a possibilidade de mais de uma leitura em termos de significado fonte, que ressalte a composicionalidade dos elementos “foi” e “quando”. Sendo assim, apenas a leitura holística, não-composicional, de “foi quando”, conector, é possível, conforme podemos observar na amostra abaixo:

(12) Segundo a polícia, a localização da droga só foi possível com o auxílio do cão farejador Cyborg, da raça American Staffordshire Terrier. “Nossa intenção era subir o morro, mas o Cyborg começou a sinalizar para um matagal que ficava mais abaixo. Enquanto todos subiam, decidimos liberá-lo para onde ele estava apontando. **Foi quando** ele entrou numa fenda entre duas rochas e saiu do local trazendo um tablete de droga”, explica o agente Teily Fabio Silva dos Santos (Jornal *O Dia*).

Em (12), “foi quando” articula porções textuais num movimento de retomada e de progressão textual. “Foi quando” retoma a porção textual que fala sobre o momento da soltura do cão, fazendo o texto progredir, introduzindo o evento que diz respeito ao achado do cão a partir de sua soltura. Neste caso, apenas a leitura de “foi quando” como conector é possível. Não há mais elementos no contexto que licenciem uma leitura individual para cada um dos itens: não é possível resgatar sujeito para o verbo “ser”, por exemplo, nem há expressão de tempo, como vimos nos contextos anteriores. No contexto de mudança, o conector “foi quando”, em uma leitura holística, participa da organização dos eventos em sequência narrativa, colocando um desses eventos em evidência. Na amostra (12), o fato de o cão entrar em uma fenda e sair com a droga apresenta relevo informacional. Tal evento é marcado no tempo dentro da sequência em relação à combinação de eventos dispostos na porção textual anterior. Trata-se de um conector de sequencialidade.

Heine (2002) afirma que é no contexto de mudança que ocorre a gramaticalização. Através de um modelo construcionalista de mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013), em uma abordagem mais recente, mostram que a mudança por gramaticalização é geralmente observada sob dois pontos de vista – Gramaticalização como aumento de redução e dependência (GIRD) e Gramaticalização por extensão (GE) – que são analisados na abordagem construcional como complementares. É através dessa abordagem que observamos o contexto de mudança de “foi quando”.

Tradicionalmente, sob a ótica da GIRD, a mudança por gramaticalização é relacionada à mudança categorial ou perda de fronteiras constituintes, conforme Heine e Kuteva (2007). Sob essa perspectiva, observamos que “foi quando” no contexto de mudança apresenta, através da mudança de fronteiras entre os itens constituintes, uma redução ou integração da forma aliada à emergência categorial de conector. Já em uma visão menos tradicional, sob a ótica da GE, a mudança por gramaticalização apresenta preocupação maior com a função. De acordo com essa visão, verificamos uma expansão do alcance semântico-pragmático e sintático no uso de “foi quando”, que passa a exercer no contexto de mudança uma função

conectiva com propriedades semântico-pragmáticas específicas, como por exemplo, a focalização, expandindo ou alargando o esquema da conexão.

A abordagem construcional trabalha com ambos os pontos de vista acima, no entanto, um dos diferenciais dessa abordagem é a preocupação em considerar da mesma maneira as mudanças na forma e no significado. Neste sentido, Traugott e Trousdale (2013) propõem que sejam observadas, nos contextos, as mudanças construcionais que podem preceder ou acompanhar a construcionalização – uma mudança através da qual um par forma_{nova} – significado_{novo} é criado. Conforme se pôde observar ao longo deste artigo, é essa a abordagem que constitui a base de análise de “foi quando” nessa pesquisa.

Sendo assim, entendemos que as mudanças verificadas na passagem do contexto inicial para o contexto ponte, conforme destacamos nas seções anteriores, sejam mudanças construcionais em micropassos que se realizam por meio de sucessivas neoanálises, tanto no polo da forma como no polo do significado. Pensamos que tais mudanças possibilitam a construcionalização gramatical de “foi quando” como conector no contexto de mudança.

Com o objetivo de atestarmos essa construcionalização, observamos também no contexto de mudança propriedades da forma e do significado na atuação de “foi quando”, conforme vimos fazendo nos dois contextos anteriores. Vejamos mais uma amostra de “foi quando” atuando como conector – contexto de mudança:

(13) Segundo ele, uma mulher em um carro de cor escura foi abordada antes de Paiva. A dupla resolveu não assaltá-la depois de perceber que ela era deficiente, mas pediu que ela dirigisse até eles encontrarem outra vítima. **Foi quando** avistaram o estudante. Santiago disse que ficou no carro, ao lado da motorista, enquanto o parceiro desceu do veículo. Paiva teria reagido e o comparsa atirou (*Portal Globo*).

Na amostra (13), “foi quando” participa da ordenação dos eventos em sequência cronológica. Trata-se de um uso de conector de sequencialidade. Através do uso do conector, observamos no texto um movimento de retomada a toda a porção textual anterior ao uso de “foi quando” – escopo do conector, bem como um movimento de progressão textual. Observamos, também, a focalização do fato de os assaltantes avistarem o estudante.

De modo geral, no que se refere à forma, verificamos, no contexto de mudança, entrincheiramento dos itens “foi” e “quando” que são estruturalmente mais integrados, havendo, portanto, uma diminuição em composicionalidade. “Foi quando” articula porções textuais, geralmente dispostas em períodos distintos, como ocorre na amostra (13). São poucos os casos em que “foi quando” atua em uma relação intrafrástica.

Em relação ao polo do significado, observamos no contexto de mudança, de modo geral, que o conector “foi quando” é utilizado como estratégia de focalização, evidenciando processos de (inter) subjetivização, já que a escolha do evento focalizado é feita de acordo com a percepção ou conhecimento do locutor. Ademais, verificamos que dependendo da subfunção conectora que “foi quando” exerce, podemos observar, além da semântica temporal de sequencialidade, conforme amostra (13), relações lógicas de causa e consequência em conexões textuais que podem ser estabelecidas tanto no nível do *dictum*, no caso do conector lógico, quanto no nível do *modus*, no caso do conector argumentativo⁶.

Assim, entendemos que as mudanças registradas em cada um desses polos, nos três contextos analisados na presente pesquisa, conforme Heine (2002), possibilitam visualizarmos a mudança em pequenos passos rumo à construcionalização de “foi quando” como conector, conforme destacamos no quadro abaixo:

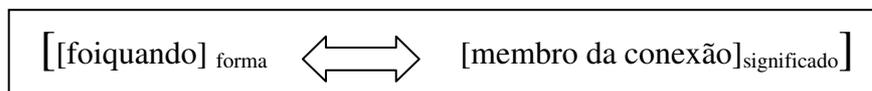
Contexto inicial da rota de construcionalização gramatical de “foi quando”	Contexto ponte da rota de construcionalização gramatical de “foi quando”	Contexto de mudança – CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL de “foi quando”
FORMA		
<p>Propriedades morfossintáticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Estrutura oracional semelhante ao período composto por subordinação – Relação entre oração principal e oração subordinada substantiva predicativa [- prototípica]. ▶ Leitura composicional dos itens “foi” e “quando”. São estruturalmente mais frouxos atuando como elementos independentes: “Foi”: Verbo de Ligação; “Quando”: Advérbio com função integrante. <p>Propriedade fonológica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Não há formação de grupo de força. 	<p>Propriedades morfossintáticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Articulação de porções textuais geralmente dispostas em períodos distintos. ▶ Sinal de pontuação, antes de “foi quando”, verificado pelo uso do ponto em relações interfrásticas; e pela vírgula ou ponto e vírgula em relação intrafrástica. ▶ Leitura menos composicional dos itens “foi” e “quando”. São estruturalmente semi-integrados. Ambiguidade estrutural: em uma leitura, atuam como verbo copular e advérbio relativo, respectivamente, e em outra, atuam com função conectiva. <p>Propriedade fonológica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Há formação de grupo de força – pausa antes de “foi quando”. 	<p>Propriedades morfossintáticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Articulação de porções textuais geralmente dispostas em períodos distintos. ▶ Sinal de pontuação, antes de “foi quando”, verificado pelo uso do ponto em relações interfrásticas; e pela vírgula ou ponto e vírgula em relação intrafrástica. ▶ Leitura não-composicional dos itens “foi” e “quando”. São estruturalmente integrados, o que revela entrincheiramento dos itens. <p>Propriedade fonológica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Há formação de grupo de força – pausa antes de “foi quando”.
SIGNIFICADO		
<p>Propriedades Semânticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Semântica temporal. ▶ Relações no nível do <i>dictum</i>. ▶ Ilustração ou identificação de um evento factual sinalizado na 	<p>Propriedades Semânticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Semântica temporal. ▶ Relações no nível do <i>dictum</i>. ▶ Marcação de eventos factuais em uma noção de tempo pontual. 	<p>Propriedades Semânticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Semântica temporal: sequencialidade. ▶ Semântica causal: causa/consequência.

⁶ O uso de “foi quando” como conector apresenta três subfunções: conector de sequencialidade, conector lógico e conector argumentativo. Não tratamos dessas três subfunções neste artigo em razão do espaço.

<p>indicação temporal apresentada no sujeito.</p> <p>Propriedades Pragmáticas/Discursivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Focalização do evento que aparece na oração iniciada por “quando”. ▶ <i>Frame</i> narrativo. 	<p>Propriedades Pragmáticas/Discursivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Focalização do evento que aparece no período iniciado por “foi quando”. ▶ Processos de subjetivização (o escritor / falante seleciona o evento focalizado). ▶ Conexão fórica entre porções textuais. ▶ Escopo representado basicamente por uma expressão de tempo. ▶ <i>Frame</i> narrativo. 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Relações no nível do <i>dictum</i> e do <i>modus</i>. ▶ Articulação de eventos factuais e/ ou não factuais. <p>Propriedades Pragmáticas/Discursivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Focalização do evento que aparece no período iniciado por “foi quando”. ▶ Processos de subjetivização e intersubjetivização (acontece na medida em que o uso do conector vai se tornando convencionalizado). ▶ Conexão fórica entre porções textuais. ▶ Escopo representado por porções de texto de tamanho variado. ▶ <i>Frame</i> narrativo.
---	--	---

Quadro 3: Características do contexto inicial, contexto ponte e contexto de mudança

Ratificamos que na passagem do contexto inicial para o contexto ponte, temos mudanças construcionais, tanto no polo da forma como no polo do significado, que conduzem à construcionalização gramatical de “foi quando” no contexto de mudança. Desta forma, no contexto de mudança não temos mais “verbo ser” e “advérbio quando”. O que existe é um pareamento da forma [foi quando] – e suas propriedades – com a função ou significado [conexão] – e suas propriedades. Esse pareamento pode ser representado ou formalizado da seguinte maneira:



Trata-se, portanto, da criação de um pareamento forma _{nova} – significado _{novo}, ou seja, a criação de uma microconstrução. Estamos falando de uma microconstrução nova na rede construcional dentro do esquema da conexão, criada via construcionalização. Entendemos que a consequência de uma série de reajustes ou mudanças em micropassos observadas nos contextos é a construcionalização gramatical de “foi quando” como um conector. Assim, a microconstrução [foiquando]_{conector} passa a fazer parte do esquema da conexão, aumentando a produtividade desse esquema.

As neoanálises de forma e significado que levam à construcionalização gramatical de “foi quando” – criação de um pareamento forma _{nova} – significado _{novo}, uma nova microconstrução – também são acompanhadas por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Podemos dizer que, do contexto inicial para o contexto de mudança, há uma diminuição no grau de composicionalidade de “foi quando”, já que partimos de uma leitura pouco integrada dos itens, portanto, mais composicional no contexto inicial, até chegarmos a uma leitura bastante entrincheirada dos itens, portanto, menos composicional no contexto de mudança. Em relação à esquematicidade e produtividade, observamos um aumento, de acordo com o que propõe Traugott e Trousdale (2013). A esquematicidade no nível da microconstrução “foi quando” aumenta, uma vez que seu significado torna-se mais abstrato e procedural no contexto de mudança. O aumento em produtividade no nível da microconstrução também ocorre, visto que “foi quando” é uma nova microconstrução que entra na classe ou esquema da conexão, havendo, portanto, expansão dessa classe, a qual Himmelmann (2004) denomina expansão *host-class*.

Considerações finais

Diante do exposto, constatamos que o contexto inicial configura-se como o mais concreto, o mais composicional e o menos esquemático, abarcando os usos identificados em nossa pesquisa como os casos listados no Padrão I – [foi_{verb.} ligação] e [quando_{adv.} integrante]. O contexto ponte é considerado híbrido, contemplando os usos listados no Padrão II – [foi_{verb.} copulativo [quando_{adv.} relativo]]. Já o contexto de mudança configura-se como mais abstrato, mais esquemático e menos composicional, relacionando os casos listados no padrão III – [foiquando_{conector}]. Evidenciamos, portanto, que as mudanças construcionais, que ocorrem tanto no polo da forma como no polo do significado, flagradas nos contextos, conduzem à construcionalização gramatical de “foi quando” como conector no contexto de mudança.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, J. *Language usage and cognition*. New York: Cambridge University press, 2010.
- _____. Mechanisms of change in gramaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (Orgs.). *Handbook of Historical Linguistics Structure*. Oxford: Blackwell, 2003.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. (Eds.). *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company, 2002.

_____; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, HIMMELMANN and WIEMER (Eds.). *What makes Grammaticalization: a look from its components and its fringes*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2004.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, Merja (Ed.). *English Corpus Linguistics: crossing paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard and VEENSTRA, Tonjes (Eds.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.

_____. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In: DABROWSKA, E. (Org.) *Cognitive Linguistics*. V. 18-4. New York: Mouton de Gruyter, 2007.

_____. Constructions in Grammaticalization. In: Joseph, B.; JANDA, R. D. (Orgs.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackweel, 2003.

The role of the contexts in the analysis of the microchanges that compose a route of the grammar construction of the expression “foi quando”

Abstract: The work we propose investigates uses of "foi quando" in a panchronic perspective. Through the analysis of samples that date back to the thirteenth century, we see a change's process that led to the use of "foi quando" as connector in more recent

synchronicities. The result of this process is analyzed from the Grammatical Constructionalization's perspective, as Traugott and Trousdale (2013). We adopted the concepts of Usage-based Functional Linguistics. This is an approach resulting from the union of North American Functionalism – Givón (1995), Hopper (1991), Bybee (2003, 2010), Traugott (2003, 2007, 2008), among others – with Cognitive Linguistics' contributions that it is related to Grammatical Constructions – Goldberg, Croft, among others. We conducted a synchronic investigation through news posted on the websites: www.g1.globo.com and www.odia.ig.com.br. We also analyzed diachronic data through the website www.corpusdoportugues.org. We studied the hypothesis that the expression "foi quando", in synchronic view, presents different degrees of grammaticality. The degrees of grammaticality may be related to a process of diachronic change. This process is observed from the contexts' studies that lead to change, according to Heine (2002).

Key words: Constructionalization. Grammar Constructions. Connetor.

Recebido em: 20 de outubro de 2014.

Aprovado em: 04 de dezembro de 2014.